

# EXCLUSIVO 'APITO DOURADO' REVELA FINANCIAMENTOS DO PSD

SEMANAL  
www.visaoonline.pt

Nº 582 • 29 ABRIL A 5 MAIO 2004

PORTUGAL €2,70

# VISÃO

NOVA VISÃO  
**sete**

PORTO/NORTE  
32 PÁGINAS

GUIA URBANO E DE ESPECTÁCULOS



FOTO GONÇALO ROSA DA SILVA



Peça na banca

Atlas por + €3

## Europa a 25

• As reportagens das equipas da VISÃO nos dez países do Alargamento

• Artigo exclusivo do Presidente **Jorge Sampaio**



**GARCÍA MÁRQUEZ**  
ESCREVE

SOBRE O 25 ABRIL

## Chora Jerusalém

Patrícia Fonseca,  
enviada especial

O que é preciso para ser popular entre os colegas? Roupa de marca e telemóveis de última geração são importantes. Mas há mais...



# ESTRELAS NA ESCOLA

Salvador, Eva, Francisco e Ana Isabel



*Publicamos nesta edição a primeira de uma série de crónicas de Gabriel García Márquez escritas «a quente» sobre o Portugal revolucionário do imediato pós-25 de Abril. O escritor esteve no nosso país nos dias quentes do PREC e auscultou o pulsar de um povo cuja forma de estar no mundo quis interpretar.*

*García Márquez foi, na década de 80, colaborador regular de O Jornal (o antecessor da VISÃO), em cujas páginas publicou uma versão condensada e actualizada da que agora divulgamos. As fotos de Sebastião Salgado foram feitas no mesmo período a que se reporta Gabriel García Márquez*

# Portugal, território livre da Europa

CRÓNICA DE GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ • FOTOS DE SEBASTIÃO SALGADO

**A**o chegar a Lisboa, há cerca de duas semanas, tive a sensação de estar a viver de novo a experiência juvenil da minha primeira chegada a Havana, a 20 de Janeiro de 1959, poucos dias depois do triunfo da revolução. Esta sensação vinha não só do Verão prematuro em Portugal, do odor a maresia trazido pelo vento e do ar de liberdade recente que se respirava por todo o lado, mas obedecia também a coincidências mais profundas. A influência negra é muito visível em Portugal através das colónias africanas e manifesta-se no próprio carácter dos portugueses, e todo o país está permeado pela música quente de Cabo Verde e Angola, que parece a música do nosso trópico. A moda da barba, que noutras épocas foi sinal de luta, seguem-na agora na metrópole as



**GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ**

Colombiano, um dos mais famosos escritores de sempre, Prémio Nobel da Literatura de 1982, o autor de *Cem Anos de Solidão* e *Amor em Tempos de Cólera*, contactou de perto com a experiência revolucionária portuguesa em 1974-1975

tropas repatriadas das colónias, como fizeram em Cuba os guerrilheiros da Sierra Maestra. E, também como eles, os soldados portugueses confraternizam com os civis por todo o lado, confundem-se no quotidiano sem transtornos para nenhum dos lados e participam, sem armas, em trabalhos de rua que nada têm que ver com a guerra. No que mais se parece o Portugal de hoje com a Cuba de há 15 anos é, sem dúvida, no ambiente de bulício contagioso num país que não dorme. Um bulício como todos os dos trópicos, que têm tanto de festa como de incerteza. As janelas dos gabinetes públicos estão iluminadas a qualquer hora da noite. Os ministros, civis e militares, marcam reuniões para as duas horas da madrugada. Há muitos anos, disse em Havana:



**LIBERDADE** Pela primeira vez em muitos anos, os assalariados rurais puderam debater sem medo os problemas que os atormentavam

«Se algo vai acabar com esta revolução é o consumo de electricidade.» Os meus amigos cubanos, como agora os meus amigos portugueses, fartavam-se de rir com o meu pessimismo e continuaram com as luzes acesas. O oficial do Movimento das Forças Armadas (MFA), que me aguardava no aeroporto, acabou por completar este quadro de coincidências. Era um capitão de 28 anos, de barba muito escura, de pele morena e com o olhar um pouco lunático dos portugueses, que me estendeu a mão sem o menor sinal de formalidade e me disse com acentuação das Caraíbas na voz: «Olá Gabriel, bem-vindo a Portugal, território livre da Europa.»

Assim começou uma breve, mas intensa, visita em que tive ocasião de conversar com ministros e operários, com escrito-



© SEBASTIÃO SALGADO

res incrédulos e comerciantes assustados, com dirigentes políticos inseguros e com militares seguros do seu poder e com nenhum bispo. De todos obtive uma visão geral que não fez senão confirmar a primeira impressão: a situação de Portugal é tão pouco parecida com a de qualquer país europeu, inclusive a Espanha, como é demasiado parecida, com todas as vantagens e perigos, com a de um país da América Latina.

### **As paredes falam aos gritos**

«Ninguém melhor do que você nos pode compreender», dizia-me um membro do Conselho da Revolução. «Os europeus, mesmo os mais compreensivos, procuram interpretar-nos numa óptica de país desenvolvido e não encontram modo de nos encaixar à força dentro dos seus es-

quemias.» É certo, embora o problema seja mais profundo. O primeiro-ministro, brigadeiro Vasco Gonçalves, poucos dias antes tinha clamado junto dos seus colegas da NATO: «Mais compreensão e menos apreensão.» Mas é difícil que alguém compreenda quando não lhe convém compreender. O grito do primeiro-ministro, lançado no deserto de interesses criado em Bruxelas, sintetiza melhor do que nenhum outro o maior drama de Portugal, a razão do seu estado actual e o obstáculo mais terrível do seu futuro. Por motivos históricos e geográficos, sendo um dos países mais pobres do mundo mas com uma posição estratégica essencial, Portugal está obrigado a sentar-se à mesa dos países mais ricos e sofisticados da Terra, mas falando uma língua que ninguém entende porque a

ninguém convém entender, e com os fundilhos remendados e os sapatos rotos, mas com a dignidade que lhe é imposta por ter sido noutros tempos o dono, quase absoluto, de todos os mares. A tremenda pressão desse drama reflecte-se em todos os aspectos da vida portuguesa. Tudo se tornou político. Desde a praça do Rossio, no coração de Lisboa, até ao mais recôndito e esquecido recanto da província, não há um centímetro de parede, nem um painel de estrada, nem um pedestal de uma estátua que não tenha pintada uma inscrição política. «Unidade Sindical», exigem nas pinturas murais os comunistas, enquanto acusam os socialistas de quererem dividir a classe operária para a deixar à mercê da social-democracia europeia. «Socialismo sim, mas com liberdades», ►



© SEBASTIÃO SALGADO

**ESPECTÁCULOS** Enquanto o pedinte cego toca acordeão, a extrema-esquerda estalinista convoca para um comício revolucionário na praça de touros

► PORTUGAL, TERRITÓRIO LIVRE DA EUROPA

dizem sem mais explicações os socialistas, que consideram que o maior perigo é o estalinismo. «Fora o imperialismo capitalista e o social-imperialismo», diz um partido de extrema-esquerda, cujo radicalismo intransigente se confunde com a linha de penumbra da provocação. «Viva o Cristo Rei», diz a reacção católica. «O voto é a arma do povo», dizem os liberais. E os anarquistas, com o seu engenho incansável, corrigem: «A arma é o voto do povo.» Um partido extremista, que para muitos é financiado pela China e que, por certo, para muitos outros é financiado pela CIA, todas as manhãs cobre as paredes de todo o país com jornais murais, enormes, escritos a pincel e tinta, e nos quais denuncia supostas atrocidades do actual regime, lança ataques devastadores contra os outros partidos e repudia tudo o que não seja o poder popular imediato. Dois pescadores pescam à linha naquele rio revolto. Um é a beataria universal, cujos membros impávidos tocam a trombeta nas esquinas e fomentam o pã-

nico com as suas diatribes pavorosas contra o álcool e o sexo. O outro é a reacção, com os seus recursos imensos e os seus cúmplices emboscados, que financiam a sabotagem em nome de Deus e rebentam granadas nocturnas contra o

## Desde o dia seguinte ao da revolução dos cravos houve uma explosão de erotismo nos palcos e nos quiosques de jornais

comércio e estão a envenenar todo o mundo com o rumor infame de que o formoso e tranquilo Portugal das canções foi por água abaixo.

### A pornografia também é respeitável

No meio dessa polémica pública, ruidosa e apaixonada, a liberdade, como tudo o que é novo, sofre os riscos da novidade. Lisboa é uma das cidades mais belas do mundo, mas até há um ano era também uma das mais tristes, por obra de uma estranha ditadura medieval que durou meio século e cuja força assentava numa polícia política inclemente. Agora é uma cidade buliçosa, com acidentes de trã-

sito espectaculares, não só porque os portugueses conduzem de uma maneira intrépida, mas também porque se sentem tão contentes e tão livres que não respeitam os semáforos. Nos restaurantes caros, onde os mariscos são exibidos como jóias nas montras, os burgueses em retrocesso desancam verbalmente os comunistas. Nos restaurantes populares, onde se come um delicioso arroz com sangue de galinha, os empregados perguntam se devem receber gorjeta sob o regime actual. Toda a gente fala e ninguém dorme. Às quatro da madrugada, numa quinta-feira qualquer, não havia um só táxi livre.

Desde o dia seguinte ao da revolução dos cravos houve uma explosão de erotismo no palco dos teatros e nos quiosques dos jornais. Foi montada uma sátira irreverente e feroz sobre o cadáver extraviado de Eva Péron, e o governo argentino ameaçou suspender o envio de carne se a representação continuasse. Era uma ameaça grave, porque 60 por cento da carne que se consome em Portugal é enviada pela Argentina. Claro que o governo não proibiu a obra. Em contrapartida, com o argumento de que a liberdade é também para os bons filmes, fixou pa-



© SEBASTIÃO SALGADO

ra o cinema pornográfico uma quota de 10 por cento sobre a importação total. Milhares de espanhóis, a maioria sem cor política definida, devoram essa quota num fim de semana, e à segunda-feira voltam a atravessar a fronteira com uma cara de esgotamento feliz, e comentando em voz baixa que não é possível tanta beleza, que raio, isto não pode continuar. Mais afortunados, porém, são os seus compatriotas da fronteira, os estremenhos e os galegos, que podem ver nos seus receptores a televisão portuguesa. Há umas semanas, quando menos esperavam, entrou-lhes pela casa adentro ►

**MARINHEIROS**  
A sua presença em manifestações atribuiu um certo tom de «Revolução de Outubro» na Petrogrado de 1917 a acontecimentos que tiveram por cenário a cidade de Lisboa nos «anos de brasa»



E mostra  
o teu umbigo!



D.R.

**ESCRITOR** Com J.C. Vasconcelos e J. Cardoso Pires, n' *O Jornal* (1983)

## ▶ PORTUGAL, TERRITÓRIO LIVRE DA EUROPA

o filme mais proibido de Espanha: *O Último Tango em Paris*.

**O lado oculto do festim**

Infelizmente, o reverso da festa é terrível e resume-se numa só frase: «Portugal só produz portugueses.» A ditadura tinha saneado a economia e reduzido ao mínimo a dívida externa, em primeiro lugar pela exploração desenfreada das colónias de África, e em segundo lugar pela quase eliminação das despesas públicas. Sem educação, sem serviços de saúde, sem nenhuma espécie de protecção estatal, o português era um dos homens mais baratos do mundo.

Seduzidas pelas vantagens da ditadura, com uma mão-de-obra a preço de escravos sem prestações sociais nem direito a greve, as grandes empresas multinacionais tinham descoberto em Portugal um paraíso. Mas era uma farsa cruel. As empresas exportavam os produtos acabados a preços mais baixos do que os de custo, porque os vendiam a si mesmos no mercado externo. Deste modo declaravam prejuízos enormes para não deixar em Portugal nem sequer os impostos. O governo da revolução procura pôr termo a esta ignomínia com a ajuda dos próprios operários, não mediante reivindicações mas com um maior controlo das indústrias. A resposta das empresas foi muito simples: estão a mudar-se para Singapura.

A verdade é dura, mas os portugueses querem que se diga: actualmente, sem maiores restrições, o país consome 30 por cento mais do que produz, e as suas reservas de ouro, ao nível do consumo actual, só chegariam para três anos. Um milhão e meio de emigrantes trabalham na Alemanha, França, Suíça e Holanda, em condições penosas, mas a sua repatriação imediata seria uma catástrofe maior, porque esse Portugal errante não só alivia a pressão do desemprego interno como ajuda a reduzir o consumo e aumenta a entrada de divisas. Conscientes disso, os capitalistas fugitivos criaram bancos em diferentes cidades da Europa para atrair as divisas dos emigrantes. O governo, por sua vez, mandou para o estrangeiro brigadas políticas que explicam aos emigrantes as manobras da reacção, e as divisas voltaram a ser canalizadas através dos bancos portugueses.

Em contrapartida, mais difícil de contrariar é a campanha contra o turismo. Lacerda, o velho reaccionário brasileiro,



DO 24 DE ABRIL Assim se designavam as forças mais conservadoras

publicou há pouco tempo um artigo onde afirmava que nas ruas de Lisboa as estrangeiras eram violadas. Disse que as praias estão tintas de sangue, que os guerrilheiros espreitam nas auto-estradas, que os bolcheviques comem crianças. O turismo da Grécia e de Chipre, que se tinha refugiado em Portugal, está a procurar outros rumos. O gigantesco e luxuoso hotel Ritz só tinha dois hóspedes em Maio. Pelo contrário, outros ho-

## Pela primeira vez na história da humanidade, as tropas têm direito a desobedecer a uma ordem

téis começam a encher-se com os eternos parasitas da revolução, os oportunistas habituais que chegam do mundo inteiro para enriquecer sob o sol que mais alumia. É a coincidência final: esses parasitas estavam no Chile há três anos, como estavam em Havana muitos anos antes, até que a revolução amadureceu e acabou com o festim.

### Quantos caminhos conduzem ao socialismo?

No meio deste panorama de trevas, os portugueses não parecem amedrontados. Pelo contrário. «A maior riqueza de um povo é a sua população», dizem os membros do Movimento das Forças Ar-

madas, que são os verdadeiros donos do poder político e do poder de fogo, e dizem-no sem pensar demasiado, com um certo candor messiânico. Mas não nos podemos esquecer de que os portugueses, desde as suas origens mais remotas, têm fama de iluminados. Na convulsão vulcânica que o país vive, os militares são os que participam com maiores recursos, com maior engenho e imaginação e, sobretudo, com uma vontade que não parece feita para ceder perante nenhum obstáculo. Os cartazes do MFA são os mais belos e numerosos, alguns parecem obras de arte, os seus jornais são os mais profusos e explícitos e todos revelam a vontade de conseguir a união do povo com as Forças Armadas, num único bloco e sem intermediários.

Nem sequer teriam de o dizer para se saber que o pensam. Vê-se-lhes na cara. Parecem saber o que querem e sabem que o tempo urge. Na sua maioria, são antigos universitários recrutados pela ditadura como carne para canhão para as guerras coloniais. Tomaram consciência política em contacto com o inimigo e agora estão a aprender na prática os segredos da ciência da revolução. Trabalham sem horários, sem pausas, tanto na administração pública como nas campanhas de politização dos camponeses, e fazem tudo com muita seriedade mas com uma certa graça. A democracia, dizem eles, começou nos quartéis: oficiais e soldados tratam-se por tu, dormem no mesmo quarto e comem a mesma comida à mesma mesa. Pela primeira vez na história da humanidade, as tropas têm direito a desobedecer a uma ordem se os oficiais não lhes disserem para onde vão e com que finalidade. A resposta a todos os níveis é a mesma: vamos para o socialismo. No entanto, o que ninguém sabe é qual será o socialismo possível nas tremendas condições de Portugal. Inventar esse socialismo à portuguesa, independente do centro de todo o poder internacional, e ao mesmo tempo construí-lo com imaginação e humanidade parece ser o objectivo supremo que o MFA impôs a si mesmo, com um único aliado, até agora, incondicional: o partido comunista. O desafio é enorme. Mas eu estou convencido, modestamente, de que vão consegui-lo. ■